

19 Junho não
sair

Ultima Hora 12 dez. 1973

FLU, Jan. 79

RUBEM BRAGA

BORGES E SHAKESPEARE

HOJE prefiro traduzir a escrever por minha conta; melhor para o leitor. É uma página de Jorge Luís Borges sobre Shakespeare, que tem um título inglês: Everything and Nothing, mas, naturalmente, é escrita em espanhol.

«Não havia ninguém nêle; atrás de seu rosto (que mesmo através das más pinturas da época não se parece a nenhum outro) e de suas palavras, que eram copiosas, fantásticas e agitadas, não havia mais que um pouco de frio, um sonho não sonhado por ninguém. A princípio ~~era~~ que tôdas as pessoas eram como êle, mas a estranheza de um companheiro, com quem havia começado a comentar essa vacuidade, revelou-lhe seu êrro, e o fêz sentir, para sempre, que um individuo não deve diferir da espécie. Certa vez pensou que nos livros acharia remédio para seu mal, e assim aprendeu o pouco latim e menos grego de que falaria um contemporâneo; depois considerou que no exercicio de um rito elementar da humanidade bem podia estar o que buscava, e se deixou iniciar por Anne Hathaway, durante uma longa sesta de junho. Aos vinte e quatro anos foi a Londres. Instintivamente já se havia adestrado no hábito de simular que era alguém, para que não descobrissem sua condição de ninguém; em Londres encontrou a profissão a que estava predestinado, a de ator, que, em um cenário, brinca de ser outro, diante de uma afluência de pessoas que brincam de tomá-lo por aquêle outro. As tarefas histriônicas iniciaram-no em uma felicidade singular, talvez a primeira que conheceu; mas, aclamado o último verso e retirado de cena o último morto, o odiado sabor da irrealdade recaía sobre si. Deixava de ser Ferréz ou Tamerlão e voltava a ser ninguém. Acossado, deu para imaginar outros heróis e outras fábulas trágicas. Assim, enquanto o corpo cumpria seu destino de corpo, em lupanares e tabernas de

Londres, a alma que o habitava era César, que desatende a premunição do augúrio, e Julieta, que a cotovia aborrece, e Macbeth, que conversa no páramo com as bruxas que também são as parcas. Ninguém fôl tantos homens como aquêle homem; à semelhança do egípcio Proteu, pôde esgotar tôdas as aparências do ser. Deixou às vêzes, em algum canto de sua obra, uma confissão, certo de que a não decifriariam; Ricardo afirma que em sua única pessoa faz o papel de muitas, e Yago diz, ~~com~~ curiosas palavras, não sou o que sou. A identidade fundamental do existir, do sonhar e do representar inspirou-lhe trechos famosos.

Durante vinte anos persistiu nessa alucinação dirigida, mas certa manhã foi derrotado pelo fastio e pelo horror de ser tantos reis que morrem pela espada e tantos desditosos amantes que convergem, divergem e melodiosamente agonizam. Nesse mesmo dia decidiu vender seu teatro. Em menos de uma semana havia regressado à aldeia natal, onde recuperou as árvores e o rio da meninice, e não os vinculou àquêles outros que sua musa havia celebrado, ilustres de alusões mitológicas e vozes latinas. Tinha que ser alguém: foi um empresário aposentado que havia feito fortuna e a quem interessavam os empréstimos, os litígios e pequena usura. Nesse caráter ditou o árido testamento que conhecemos, do qual deliberadamente excluiu todo rasgo patético ou literário. Costumavam ir visitá-lo em seu retiro os amigos de Londres, e êle retomava para êles o papel de poeta.

A história junta que, antes ou depois de morrer, achou-se em face de Deus, e disse: Eu, que tantos homens tenho sido em vão, quero ser um, e eu. A voz de Deus respondeu-lhe em um torvelinho: Eu também não sou; sonhei o mundo como sonhaste tua obra, meu Shakespeare, e entre as formas de meu sonho estavas tu, que, como eu, és muitos, e ninguém».

Renata

Ferreira

em /

DN - 31.5-68

Ferreira